

ESTUDO DA CRÍTICA AOS ASPETOS MORAIS DA SOCIEDADE PORTUGUESA ALEGORIZADOS NA OBRA “O PIOLHO VIAJANTE”

Tatiane Carvalho Nascimento

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

*tatycarssa@hotmail.com

Resumo: O objetivo desta pesquisa é refletir sobre as alegorias dos aspetos morais da sociedade portuguesa na obra do século XIX “O Piolho Viajante”, identificando as representações de valores, costumes, hábitos e comportamentos da época através de cenas, situações e tipos ou personagens. O corpus para análise será a leitura das 72 “carapuças”, ou capítulos correspondentes à vida de pessoas cuja cabeça o piolho narrador visita e comenta. Os “hospedeiros” desejam “se dar bem” a qualquer custo e cada um possui a sua estratégia de sobrevivência. Este dado provoca o questionamento: Que sociedade é essa, em que os indivíduos são capazes de tudo para adquirirem vantagem? Entre as questões a serem investigadas estão: Porque “O Piolho Viajante” foi uma das obras mais lidas no Brasil no período de 1808 a 1826? Porque foi considerada como literatura marginal pela elite letrada da época? Como tornou-se um sucesso entre as camadas populares?

Palavras-chave: Piolho. Literatura marginal. Viagens. Moral.

INTRODUÇÃO

O pensador alemão Hans Magnus Enzensberger, no ensaio “Uma Teoria do Turismo”, de 1958, afirma que as pessoas sempre viajaram, pois nos textos imaginários ou supostamente reais, antigos, há referências sobre viagens.

As histórias de viagens, até início do século XIX, tinham motivação relacionada a fins práticos, religiosos ou comerciais. Em meados do século XIX surgem excursões por lugares exóticos e o serviço turístico em pacotes. O que a diferencia do turismo de viagem tradicional, no qual o deslocamento do viajante era por alguma necessidade.

Fernando Cristóvão (1999) propõe cinco categorias de literatura de viagem aos viajantes tradicionais: Viagem de peregrinação, onde o peregrino se desloca em busca do divino; viagem de comércio; viagem de expansão que se subdividem em expansão da fé, política e científica; viagem erudita de formação ou serviço e viagem imaginária, categoria pertencente ao “O Piolho Viajante”. Segundo Cristóvão (2002:51), na narrativa da viagem real, a estrutura é feita na verdade, com elementos imaginários e na narrativa da viagem imaginária, a estrutura é feita com base no imaginário, com elementos reais.

Mas, o que é a Literatura de Viagem? Cristóvão (2002), em “Teoria da Literatura de Viagens”, diz que a literatura de viagens é um subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do

século XIX, indo à busca da viagem real ou imaginária (por mar, terra ou ar), temas, motivos e formas. Os textos da literatura de viagens são interdisciplinares, pois passeiam pela história, antropologia e ficção, revelando um olhar do viajante que configura uma imagem sobre o espaço e a cultura do outro.

A literatura de viagem é, portanto, um grande acervo de conhecimento que não deve ser desprezado, pois, independente de seu rico conteúdo criativo e imaginário, ela é carregada de informações que servem aos estudos das ciências em todos os sentidos. Ela também serve de instrumento para compreensão da própria sociedade, através do olhar para o “outro” que não é tão diferente de “nós”, levando em consideração as influências culturais também deixadas pelos portugueses.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as alegorias dos aspetos morais da sociedade portuguesa na obra do século XIX “O Piolho Viajante”, identificando as representações de valores, costumes, hábitos e comportamentos da época através de cenas, situações e tipos ou personagens. Os objetivos específicos são contextualizar a sociedade portuguesa, situar a obra para a época e a sua importância, relacionar a obra, com o passado, presente e futuro respectivamente, através do estudo comparativo entre Policarpo e Gil Vicente; do século XVIII e com o século XIX. O material para a condução dessa pesquisa reflexiva será obtido através de fontes bibliográficas, tais como livros, teses, artigos que tenham relação com a proposta temática e principalmente textos antigos. Por análise, comparação e reflexão.

O *corpus* será a leitura das 72 “carapuças”, ou capítulos correspondentes à vida das pessoas cuja cabeça o piolho narrador visita e comenta. Foi reunida em folhetos em 1821, mas já havia sendo publicada desde 1802. Foram reeditados em 1837, 1846 e 1857. Enviados ao Brasil, por solicitação de Simão Taddeo Pereira, no ano seguinte ao lançamento em Portugal. E parecem ter alcançado sucesso de público semelhante ao de Portugal.

Mas, apesar do sucesso entre as camadas populares, porque a obra foi excluída do cânone? Seria o piolho uma crítica à sociedade Portuguesa do século XIX? O que o “Piolho Viajante” possuía de tão interessante para se tornar uma obra de tanto sucesso entre as camadas populares? Porque se tornou um dos livros mais lidos no Brasil no período de 1808 a 1826?

O que chama bastante atenção são relatos sobre o uso de violência, humilhações, jogos de interesses, mentiras, desigualdades, furtos, malandragem, ambições, favorecimentos, injustiça, corrupção, censura, discriminação, preconceito, entre outros comportamentos ligados à moral social portuguesa do século XIX. O que tem relação com a cultura, economia, política e educação predominantes na sociedade.

Através da obra “O Piolho Viajante” é possível extrair os princípios morais em que se baseava a sociedade portuguesa do século XIX? Na obra “O Piolho Viajante” o autor fala sobre assuntos profundos e particulares referentes a população portuguesa, mas ao mesmo tempo são coletivos.

A CULTURA

Thompson (1995) diz que, na concepção simbólica dos estudos culturais, a análise da cultura tem a ver com a interpretação do texto literário, o analista busca dar sentido a ações e expressões, especifica o significado que elas têm para os autores que as praticam e assim aventuram algumas sugestões, considerações sobre a sociedade da qual essas ações e expressões são parte. (p. 176) Portanto, é necessário perceber o modo como os significados são inscritos nas formas culturais para interpretar o texto literário do “Piolho Viajante”.

Para compreender como se deu a concepção simbólica do Piolho Viajante, se faz necessário também perceber as relações de poder e conflito na sociedade do século XIX, pois, conforme Thompson, as ações e manifestações verbais do dia a dia são sempre produzidas em circunstâncias sócio-históricas particulares, por indivíduos promovidos de certos recursos e possuidores de diferentes graus de poder e autoridade. (p.180) Os fenômenos culturais podem ser vistos como expressão das relações de poder, servindo para manter ou romper estas relações e criando outras relações de poder, estando sujeitos a múltiplas interpretações pelos indivíduos que os recebem na sua vida cotidiana.

O autor se baseia na concepção simbólica de Geertz com contribuições pessoais. Ele diz que os fenômenos culturais devem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados e que a análise cultural deve ser vista como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas.

Serão analisados os cinco aspectos estruturais da cultura do texto de Thompson, que são: o intencional, o convencional, o estrutural, o referencial e o contextual. Esses aspectos estão tipicamente envolvidos na constituição das formas simbólicas.

A análise é feita à obra O Piolho Viajante sobre o aspecto da constituição das formas simbólicas e sobre as relações de poder, com definições a partir de Thompson no capítulo III do livro “O conceito de cultura. Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa”.

ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO DAS FORMAS SIMBÓLICAS

INTENÇÃO DE POLICARPO

O aspeto intencional está relacionado à intenção do produtor. São expressões de um sujeito para outro com um objetivo ou propósito. Que mensagem Policarpo deseja passar aos seus leitores? Porque o autor escolheu um piolho como protagonista da sua história?

Policarpo escreve a seguinte afirmação no prólogo de sua obra:

Os meus escritos são, por ora, para gente pobre, gente que não tem medo de um piolho. Um rico até terá medo de ouvir falar nele e fará muito bem em não ler, porque terá precisão de coçar-se, porque o Piolho é muito natural que lhe morda. Uma donzela, que nojo não terá de um piolho! Mas se ela o ler com reflexão, pode ser que ninguém lhe morda. Um que se aplica a coisas grandes, que mal lhe não ficaria ler uma coisa tão pequena! (SILVA, prólogo parte IV)

Nesse trecho, ele deixa evidente o público para quem escreve e seu posicionamento social. Escreve para o povo, não possui interesse em agradar aos críticos literários, não escreve para a “elite dominante” da época. Isso é perceptível pela linguagem simples de que faz uso.

O protagonista da história, que recebe o nome de “x”, é um inseto achatado e não possui asas, mas não deixa de pular de cabeça em cabeça, fuçando a vida alheia e expondo-a. O que seria um piolho para aquela sociedade? Um ser pequeno, mas desagradável, incômodo, indesejável, sem serventia e sujo, uma definição semelhante à de hoje. A coceira que provoca causa pavor a qualquer ser vivo, atrapalha qualquer atividade, por mais importante que seja. Pode se concluir que a escolha do piolho não foi por acaso, o autor tinha algumas qualidades de seu personagem: insignificante como escritor percebia as sujeiras sociais e as denunciava através de seus escritos, fazia o protagonista de sua história alimentar-se da própria vida humana.

O aspeto intencional de Policarpo, portanto, é o de denunciar o comportamento social da época, que girava em torno de um único objetivo, “se dar bem”. O autor deseja: coçar até ferir, chamar atenção dos leitores, levá-los a uma nova consciência, e quem sabe provocar uma pediculose?

CONVENÇÃO DE POLICARPO

Esse aspeto quer dizer que a produção, construção, interpretação ou emprego das formas simbólicas são processos que envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções. Podem variar desde a regra de gramática até ao estilo e expressão. Para isso, é importante falar sobre a codificação

e decodificação. Essas regras não precisam coincidir nem coexistir, pois cada um poderá ter sua própria regra e convenção. Um traço fundamental da vida social é ser governada por regras.

Não se pode falar em convenção sem compreender em que se baseava a cultura de Portugal na época. No período em que *O Piolho Viajante* começou a ser escrito, Portugal havia passado e estava passando por transformações diversas: Invasões Francesas, ida da corte para Brasil, perda do exclusivo comércio com o Brasil, influência da economia inglesa sobre os mercados portugueses, tentativa de industrialização, regeneração e arranque industrial. Houve também a ascensão da burguesia e decadência do clero e da nobreza. A cultura baseava-se na técnica, nos avanços industriais que Portugal deveria ter para garantir seu espaço no mercado. Os portugueses da elite costumavam frequentar bailes, passeios, óperas, teatros e cafés enquanto que os trabalhadores mal tinham tempo para descansar, neste século também surge a organização do operariado, em busca de seus direitos. Não se pode esquecer que Portugal recebeu maior influência do pensamento Francês após a invasão Napoleônica, que provocou a fuga da família real para o Brasil, pois a França ainda possuía influência forte do pensamento Iluminista que fez parte da Revolução Francesa (1789-1799).

“O Piolho Viajante” provavelmente sofreu sanções da influência normalizadora literária da época, esse fato revela-se nos comentários que o autor faz nos prólogos do piolho, por outro lado inspira-se no ideal de revelação, no desabafo e crítica através da arte da escrita. A obra parece possuir uma tendência a agradar às “margens” quando o autor diz que seu texto foi feito para quem não tem medo de um piolho, o que leva a pensar que não foi feito para agradar aos “não críticos e burgueses”, (que deveriam escrever obedecendo à norma culta da língua portuguesa) e sim ao “povo português”, possível público leitor.

No quesito codificação, *“O Piolho Viajante”* contempla os códigos da classe trabalhadora portuguesa, pois utiliza uma linguagem popular, com uso de gírias, ditados populares, sem preocupação com as normas cultas e revela muitas situações que tratam de sobrevivência financeira. O efeito decodificador pôde ser percebido na repercussão que a obra obteve, reunida posteriormente em folhetos (1821), reeditada (1837, 1846, 1857), e ainda enviada ao Brasil a pedido de livreiros de 1808 à 1826. Considerada uma das obras mais conhecidas pela população de Portugal de 1802 à 1857, considerando início de sua publicação e reedições. No quesito codificação e decodificação, a obra, pelo sucesso que obteve, conseguiu se comunicar bem com o seu público-alvo e chegou a alcançar outros perfis de leitores, como a família real portuguesa.

ESTRUTURA DE POLICARPO

Esse aspeto refere-se às formas simbólicas, são construções que exibem uma estrutura articulada. Um sistema simbólico possui uma constelação de elementos que podem ser chamados de elementos sistêmicos. A análise de um texto particular pode ser facilitada pela compreensão dessa constelação, dos pronomes característicos de um sistema linguístico, observando a maneira pelos quais os pronomes são usados e o uso da linguagem.

Policarpo criou uma nova língua, que ele chama de língua “piolha”. Através dessa nova forma de se comunicar, se expressa para quem se interessa por esse pequeno e rico universo. Ele dividiu seu texto em 72 carapuças, que eram divulgadas em folhetos. Um fato curioso é que ele não revela o nome dos donos das cabeças, apenas os identifica pelo papel social que exercem, pelas respectivas profissões ou ocupações sociais.

A escolha por uma linguagem cotidiana e informal, além de representar a posição política e ideológica do autor, reforça a comunicação com o seu público-alvo, a leitura e a identificação deste com os seus textos.

É uma forma alternativa de fazer literatura, traz uma abordagem lúdica, criativa, mas não menos revolucionária. Seu foco é a moral portuguesa, através de seus relatos é possível perceber as dificuldades sociais e financeiras vividas no cotidiano de seus hospedeiros, levando-os a prática de ações condenáveis ou indesejáveis segundo as normas coletivas. Esse contexto nos conduz a reflexão sobre algumas questões culturais, sociais, políticas e econômicas, que Portugal passava naquele período.

OS REFERENCIAIS DE POLICARPO

Esse aspeto revela as formas simbólicas que dizem algo sobre alguma coisa. Pode utilizar um objeto, indivíduo ou situação para representar uma situação.

O PIOLHO FALA PARA QUEM?

O uso de um personagem para falar alguma coisa, como também o uso de uma linguagem cotidiana pode ter o objetivo de passar uma ideia importante, mas sem prejudicar o conteúdo da escrita. Uma história feita para falar sobre a realidade, mas de forma divertida e leve. Voltada para aqueles que buscam através da leitura, o entretenimento e informação.

O PIOLHO FALA POR QUEM?

A história traz o piolho como narrador, e, pelos relatos que faz, fica evidente que são observações e reflexões oriundas do autor que se camufla através de Antônio Manuel Policarpo da Silva para não ser identificado. O autor utiliza-se deste pseudônimo para assinar suas criações, o que leva a pensar sobre o que o levou a criar um personagem fictício: A necessidade de não se revelar para não sofrer críticas ou ameaças, uma vez que cospe questões íntimas e desafia o padrão literário daquele momento?

O PIOLHO FALA DE QUEM?

O Piolho fala da sociedade que os hospedeiros fazem parte e utiliza-os como personagens de seus relatos. Uma característica interessante é a escolha da profissão ou ocupação como referência aos donos das carapuças, que não têm seus nomes revelados. O papel social que ocupam são de uma importância muito maior do que eles. Passa a ideia de que os indivíduos são peças de um grande sistema, que são reflexo da cultura, os hospedeiros agem como verdadeiros parasitas, sem ter consciência, uma observação crítica e política é denunciada.

O CONTEXTO DE POLICARPO

Esse aspecto lembra que as formas simbólicas estão inseridas em processos e contextos sócio-históricos dentro dos quais e por meio dos quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas. Além de ser expressões de um sujeito, as formas simbólicas são produzidas por um agente situado dentro de um contexto histórico específico e dotado de recursos e capacidades de vários tipos. Elas são determinadas pela distribuição de certos tipos de recursos ou capital. Existem três tipos de capital: o econômico (financeiros), o cultural (conhecimento, habilidades) e o simbólico (prestígio, reconhecimento social). As instituições sociais podem ser entendidas como conjuntos específicos e relativamente estáveis de regras e recursos.

COMO ERA FEITA A CIRCULAÇÃO DO “PIOLHO VIAJANTE”?

Para SALES (s.d.), em seu artigo sobre a “Circulação de romances no século XIX”, o século XIX foi o tempo do romance. Esse gênero foi a preferência do público durante os anos oitocentos. Uma das maneiras de confirmar a prioridade por essa leitura é o levantamento dos anúncios de vendas de livros, divulgados em jornais da época. Para ela, a prática da leitura de romances no Brasil, nesse

período, se estendeu desde a cidade do Rio de Janeiro, sede do Império, onde circulavam publicações e autores de prestígio, até o Norte do Brasil, na capital da província do Pará, quando se observa os registros de anúncios de livros em periódicos.

No jornal Diário do Gram-Pará, os anunciantes chamavam atenção para a venda de livros na loja de João Batista da Costa Carneiro, conferimos a seguir as notícias divulgadas, nos dias 18, 22 e 23 de fevereiro de 1861.

LIVROS - Um jogo de dicionario portuguez do melhor author, pelo deminuto preço de 30\$ rs.; Bíblia sagrada, 2 tomos em formato grande 20\$ rs.; Mil e uma noute, 9\$ rs., Piolho viajante 5\$ rs., Nova confissão do Vicente marujo 320, Bertoldo, Bertoldinho, Carcaceno, 3 folhetos por 800 rs.; e muitos outros folhetos e histórias de recreio, na rua dos Mercadores casa n. 40 bbb loja de João Baptista da Costa Carneiro. (SALES, s.d, p.7)

Bignoto (2002) destaca, “Entre os livros mais lidos no Brasil, no período de 1808 a 1826, está o título português *O Piolho Viajante* divididas as viagens em mil e uma carapuças”. Segundo Bignoto (2002), as obras “*As Mil e uma Noites*” e “*O Piolho Viajante*”, títulos cotados como os mais apreciados entre o elenco dos volumes preferidos em outros periódicos, na capital do Pará, e no Rio de Janeiro, desde o início do século. Isso mostra que “*O Piolho Viajante*” teve uma aceitação entre leitores tanto em Portugal como no Brasil. Bignoto (2002) traz também outro fato a respeito da popularidade da obra que foi o uso do pseudônimo Piolho Viajante por D. Pedro I nos artigos em que escreveu para a imprensa carioca, por volta de 1823.

Com o fim da Gazeta do Rio de Janeiro, em 1822, foram criados diversos jornais da imprensa áulica, entre eles o Espelho, que transcrevia jornais de Lisboa e publicou vários artigos de D. Pedro I, considerado um jornalista panfletário, irreverente e polêmico, que publicava artigos inflamados contra seus adversários. D. Pedro utilizava vários pseudônimos: Simplicio Maria das Necessidades, Sacristão da Freguesia de São João de Itaboraí, O Inimigo dos Marotos, Piolho Viajante, O Anglo-Maníaco, O Espreita, O Ultrabrasileiro, O Filantropo e o Derrete Chumbo a Cacete. (LOPES, 2008).

QUE TIPO DE ESTRATÉGIA O AUTOR UTILIZA-SE PARA CONQUISTAR O ESPAÇO NA PRODUÇÃO DE FOLHETOS E NO MERCADO LIVREIRO?

Em relação aos poderes exercidos por Policarpo na época, é visível o poder cultural que possuía devido ao rico conhecimento sobre sua realidade, levando em consideração o alto grau de analfabetismo da sociedade portuguesa neste século, como também a habilidade discursiva e criativa visíveis em sua obra. Outro poder possuído por ele é o simbólico adquirido através do reconhecimento, da aceitação social que obteve durante anos, em Portugal e no Brasil. Esses

poderes lhe garantiram considerável espaço social, embora rejeitado pela instituição literária, autoridade dona do poder supremo, criadora, mantenedora de regras e padrões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme consta no paper apresentado, a pesquisa está em desenvolvimento com algumas definições precisas. O sumário foi dividido em: apresentação (consta o caminho percorrido até o projeto); introdução e capítulo I onde será feita a descrição de Policarpo e do Piolho, segundo análise dos prólogos e da obra; no capítulo II constará a análise de algumas carapuças, estratégias de sobrevivência utilizadas pelos hospedeiros, seus objetivos e reflexão sobre a sociedade portuguesa do século XIX; no capítulo III terá um estudo comparativo entre Policarpo e Gil Vicente com a análise dos textos satíricos *“Todo mundo ninguém”* e da obra *“O piolho viajante”* com a intenção de perceber as semelhanças e diferenças entre autores de mesmo perfil e épocas diferentes.

Alguns teóricos servirão como base para alguns conceitos: Thompson para falar de cultura, Georges Bataile para discutir sobre a busca do viajante pela sensação de “continuidade” e o sentimento de “descontinuidade” presente na vida, Fernando Cristóvão para introduzir literatura de viagens imaginárias e Francisco Ferreira para aprofundar a literatura de viagens. Outros teóricos entrarão ao longo da dissertação como suporte às reflexões e conclusões que estiverem em construção.

A literatura mais uma vez na história da humanidade deixa seu registro através da arte de narrar e colabora com o enriquecimento humano através de seus relatos fictícios e reais, também devido à possibilidade de transportar o expectador para outra dimensão em busca da novidade e do comum, do encontro com o outro e consigo. Uma descoberta de si e dos outros, troca, reflexão e tomada de consciência dos fatos cotidianos, cultura, arte, lazer, conhecimento, interdisciplinaridade, sentimentos, denúncias, política, poder, comunicação.

O piolho chegou para incomodar e deixou marcas que nem o tempo foi capaz de apagar, uma obra que nasceu da “lama”, e fez dela seu maior recurso. Traz um valor que não precisa de comprovações, que fala por si. Nascida de um ambiente “marginal” e rica de subjetividades culturais, que de “pequena” nada tem. O piolho deixa saudades e um ambiente quente para que novas criaturas minúsculas conquistem respeito e espaço literário, públicos, mentes e corações.

REFERÊNCIAS

LIVROS:

BUENO, André. *Formas de crise; estudos de literatura, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

BUENO, André. Os usos e as trocas. Notas sobre Van Gogh e Warhol. In: *Formas da crise. Estudos de literatura, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002, p. 113 à 125.

RODRIGUEZ, Benedito Martinez. Mutirões da palavra: literatura e vida comunitária nas periferias urbanas. In: *Sujeito e espaço social. Estudos da literatura brasileira contemporânea*, n 22, Brasília, julho/dezembro, 2003, p.47 à 61.

BATAILLE, George. *O Erotismo*. Trad. de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987. (pág. 7 – 46).

THOMPSON, John B. Capítulo III. O conceito de cultura. *Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 163 – 215.

INTERNET:

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. In: *Ensaio sobre a destruição da experiência*. Editora UFMG. 2005.

BIGNOTO, Cilza. 2002. UNICAMP. *O Piolho Viajante*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/MargensdoCanone/Piolho/index2.htm> >Acesso em 28 de setembro 2013.

CÂNDIDO, Luciana de Fátima. USP. *“Allgemeine Historie der Reisen [...]”: literatura de viagens, viajantes e navegadores*. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/node/1062> >Acesso em 28 de setembro 2013.

CRISTÓVÃO, Fernando 1999. Revista USP. *O mito do “novo mundo” na literatura de viagens*. Disponível: <http://www.usp.br/revistausp/41/14-fernando.pdf>. >Acesso em 28 de setembro 2013.

LOPES, Dirceu Fernandes. 2008. USP. *Uma história marcada por censura e resistência*. Acesso: 15 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2008/jusp831/pag08.htm>

ROMANO, Luís Antônio Contatori, 2013. *Viagens e Viajantes: Uma Literatura de Viagens Contemporânea*. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10B-Art3.pdf> >Acesso em 28 de setembro 2013.

SECO, Ana Paula. UNICAMP. *Livros de Viagens ou Literatura de Viagem*. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_livros_de_viagens_ou_literatura_de_viagem.htm >Acesso em 28 de setembro 2013.

SOANTES. 2011. *O Piolho Viajante. O cão e os caluandas*. Disponível em: <http://arrugamao.blogspot.com.br/2011/07/o-piolho-viajante-o-cao-e-os-caluandas.html> >Acesso em 28 de setembro 2013.

VELLOSO, Leonardo Meliani. Unicamp. *Maravilhoso Mundo Novo: o Fantástico na Literatura de Viagens e Cartografia do Renascimento*. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/anais/Leonardo%20Meliani%20Velloso.pdf> >Acesso em 28 de setembro 2013.

MESQUITA, Antônio Pedro. 2009. UNIVERSIDADE DE LISBOA – Portugal. *O Pensamento Socialista em Portugal no século XIX*. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art7-rev3.pdf> >Acesso:11 de setembro e 2014.

SALES, Germana Maria Araújo. 2007. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Circulação de Romances no século XIX*. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem17/COLE_1360.pdf > Acesso: 11 de setembro de 2014.

